

RESUMO

O seguinte ensaio articula a noção do que são algoritmos com as teses do filósofo francês Michel Foucault. Sobretudo, com os conceitos de governabilidade, poder e resistência como encontrados em suas obras. Durante esse percurso, utilizamos também a noção de caixa preta como desenvolvida pelo pensador Vilém Flusser no intuito de tentar dissecar filosoficamente o funcionamento do algoritmo. O intuito deste ensaio é, então, analisar o papel dos algoritmos em nossa vida, principalmente no contexto das redes sociais, para determinar se há entre o indivíduo e a tecnologia uma relação de poder tal como estabelecida na ótica foucaultiana.

Palavras-chave: Algoritmos. Michel Foucault. Poder e Resistência. Redes Sociais. Caixa Preta.

Essay on the governance of algorithms: the governance of the black box

ABSTRACT

This essay articulates the notion of what algorithms are with the theses of the French philosopher Michel Foucault, especially with the concepts of governance, power, and resistance as found in his works. During this process, we also utilize the notion of the black box as developed by the thinker Vilém Flusser in an attempt to philosophically dissect the functioning of the algorithm. The aim of this essay is, therefore, to analyze the role of algorithms in our lives, particularly in the context of social networks, to determine if there is a power relationship between the individual and technology as established in the Foucauldian perspective.

Keywords: Algorithms. Michel Foucault. Power and Resistance. Social Networks. Black Box.

Introdução

Pense em qualquer rede social, por exemplo, o Facebook. Embora longe do apogeu de popularidade que teve um dia, em 2023 essa plataforma registrou quase dois bilhões de acessos em um só dia (Olhar Digital, 2023). Obviamente, esses números dizem respeito ao mundo todo. Caso façamos um recorte apenas do Brasil, teremos, no ano de 2023, aproximadamente 109 milhões de acessos (Negócios SC, 2023). Os números aqui apresentados não são evocados a esmo, mas sim, com o intuito de ilustrar o alcance dessa única rede social.

Em nosso dia a dia, principalmente quando se é um jovem fruto da Geração Z ou Geração Alpha, que não vivenciou o que veio antes dessas plataformas, não estamos acostumados a refletir sobre o que exatamente significa o alcance das redes sociais. Passamos horas nas telas do Facebook, Instagram ou Tik-Tok, “curtindo” coisas que atravessam nossa linha do tempo em meio a uma rolagem infinita de informações e imagens.

Para se ter uma noção, no Brasil, a média diária de conexão das pessoas no Facebook foi de mais de doze horas (Revista Piauí, 2023). Em outras palavras, caso o ser humano não dormisse, mais da metade do seu dia seria gasto a serviço dessa plataforma. Porém, você deve estar se perguntando: “Por qual motivo estão fazendo tanto caso disso? São apenas cliques inofensivos dados em uma tela de celular ou computador”. Bem, de fato, na perspectiva isolada e micro do usuário, pode parecer apenas cliques e nada mais. No entanto, são informações sobre lugares frequentados, gostos pessoais, posicionamentos políticos, enfim, um “perfil” de cada pessoa que utiliza aquela plataforma. Estas informações são, agora, a mercadoria comercializada pelas empresas que controlam estes ambientes e outras empresas que buscam novos consumidores. As pessoas, através de suas informações de hábitos e gostos, passam a ser insumos básicos para uma imensa indústria de bens de consumo, ávida por vender cada vez mais e obter lucros cada vez maiores.

Quando consideramos os impactos políticos disso, a imagem apresentada não melhora em nada. A Meta, empresa por trás do Facebook, Instagram e Whatsapp, foi exposta como “agente invisível” da campanha de Donald Trump para a presidência em 2016. Ela fazia, por intermédio de suas redes sociais, esforços conscientes de

espalhar *fake news*¹ que tinham o intuito de melhorar a imagem de Trump, ao mesmo tempo que exauriam a imagem de seus concorrentes, aos olhos daqueles que acessavam constantemente a rede, principalmente em períodos de eleição (Rodrigues, Bonone; Mielli, 2020, p. 4-5).

A distribuição de *fake news* que melhorassem as chances de vitória de Trump (leia-se, mais aquisição de votos) acontecia devido aos algoritmos de captação de dados e sugestão de conteúdos, por trás das plataformas de redes sociais, facilitarem a circulação de tais informações, principalmente em grupos já predispostos a votar neste candidato (Magrani; Oliveira, 2018, p. 18).

Os algoritmos ditam o alcance de uma dada informação em uma plataforma: caso sua postagem tenha as palavras-chaves certas ou a descrição certa, ela aparecerá para um maior número de pessoas e linhas do tempo que estejam interessadas em informações desta natureza. O ardil está em usar esse mecanismo, inserindo a revelia das pessoas, informações que não seriam de seu interesse *a priori*, mas sim de interesses dos patrocinadores ou investidores das plataformas.

No artigo “Colonização da Vida em Tempos de Fim de Mundo” (Mota, 2022), podemos ver um exemplo ainda mais próximo de nossa vida comum: quando se pensa em sair e se usa o Google para achar um restaurante e traçar uma rota, estamos, nesse simples ato, dando nossos dados a imensas bases de dados (*Big Data*) que estão sob o jugo completo da empresa Alphabet, dona da Google (Mota, 2022, p. 5-6). A natureza dos dados vai além de nossa “simples” localização, podendo, aos poucos, criar um perfil de nossos gostos (por exemplo, culinários) para criar uma espécie de perfil nosso em seus bancos de dados.

A cada vez que escolhemos restaurantes “x ou y” no Google, os dados enviados proporcionam uma imagem de nossos comportamentos (Mota, 2022, p. 5-6). São essas imagens, esses perfis feitos com base em nossos acessos nas mais diversas plataformas virtuais, que permitem a uma rede social saber para qual grupo de pessoas online se deve enviar determinada informação (ou desinformação) com a missão de melhorar ou desqualificar a imagem de algum político, autoridade ou pessoa pública.

No caso de Trump e a Meta, usa-se um raciocínio semelhante ao do Google e do restaurante: à medida que clicamos e compartilhamos coisas no Facebook, um

¹ Notícias falsas.

dado nosso é computado pela base de dados. Se eu, por exemplo, sinalizo que gostei dessa informação (através do botão de “curtir”); ou compartilho notícias e postagens de apoio a Donald Trump em número considerável, eu muito provavelmente sou um apoiador desse indivíduo e, portanto, tenho mais chances de acreditar em *fake news* que melhorem sua imagem.

É importante ressaltar que tais dados usados para criar os “perfis” dos usuários só são realmente úteis quando passam pelo processo de *data mining* (Santos; Da Rosa; Barth, 2024, p. 9). O *data mining*, em nosso contexto, é definido como a ação programada do algoritmo de buscar em tudo que é escrito e postado por uma pessoa, informações que seriam estratégicas para traçar seu comportamento, hábitos e interesses (Mota, 2022, p. 5-6). O Facebook, por exemplo, não tem apenas dados de preferências políticas de uma pessoa, mas também suas conversas, curtidas sobre filmes, jogos etc. Estas informações complementares às geradas pelo próprio indivíduo, levam a conseguir um “mapa” seu, cada vez mais preciso. Assim, estas empresas podem comercializar se uma dada região estadunidense é ou não de maioria do candidato observado. E agir, inserindo sugestões de informações que permitam com que a aprovação desse candidato possa ser incrementada ou decrementada. Embora não se possa ter, claro, certeza de que as pessoas vão ser realmente influenciadas pelas informações sugeridas, podemos crer que, dentro desse processo, alguns indivíduos possam ter suas opiniões modificadas.

Até aqui, vimos o potencial de alcance das redes sociais, bem como seu poder de colher e analisar os dados que nela estão. Podemos concluir, a partir do exemplo estadunidense que expusemos, que tais redes possuem um impacto considerável nos rumos de um país. Entretanto, um mistério permanece conosco: O que exatamente permite que os algoritmos filtrem informações sobre nós e, por conseguinte, gerem perfis sobre o que somos dentro de suas fronteiras digitais?

Desenvolvimento

Nos tópicos a seguir iremos desenvolver a conexão entre as teses do filósofo Michel Foucault e a realidade algorítmica das redes sociais. Nossa ideia, nos subtópicos que se seguem, é analisar a relação indivíduo-algoritmo no intuito de

localizar a existência ou não de uma relação de poder (como estabelecida pela ótica Foucaultiana de mundo).

Governabilidade dos algoritmos

O termo **governabilidade** vem do pensador Michel Foucault e significa, em linhas gerais, a forma como um governo² se organiza e opera em um meio territorial e populacional. Tal governabilidade só é possível quando se mobiliza um saber ou conjunto de saberes que possuem um alvo específico (Mota, 2022, p. 5). Note que, para o filósofo francês, um saber sempre carrega um poder sobre aquele que não o detém; ou ainda, um saber sempre carrega uma forma, uma relação de poder consigo (Foucault, 1996, p. 33).

Pense na relação entre o médico e o paciente. Supondo que o segundo não seja um iniciado na medicina, ele está à mercê do primeiro para saber como se guiar perante qualquer doença que possa vir a ter. Assim como, caso tenha que fazer uma cirurgia, o paciente precisará confiar no conhecimento que o médico detém sobre o procedimento. O paciente não tem o conhecimento ou mesmo as ferramentas para fazer a cirurgia por conta própria ou, ainda, quaisquer diagnósticos mais complexos, sobre uma dada doença.

O poder, então, na visão de Foucault, estabelece-se não como uma entidade metafísica ou externa ao mundo, mas sim como algo que nasce de uma relação (Brigido, 2013, p. 2-3). O poder existe **a partir e durante as relações entre os indivíduos** (Brigido, 2013, p. 4-6). Há o **poder de causar a morte ou deixar viver**, representado pela forma do **Poder Soberano**, típico do mundo medieval, onde o rei podia fazer valer a espada no pescoço de um súdito a qualquer momento que desejasse (Foucault, 2011, p. 128); ou o **poder de causar a vida e permitir a morte** (Foucault, 2011, p. 132) – ou, em outros termos, **Biopoder**. Independente do tipo, cada um só existe caso esteja em uma relação com outro.

Se usarmos Ivan Pavlov³, podemos dizer que o Poder Soberano possui ligação com o **reforço negativo**. Imagine uma situação em que uma pessoa tem dor de dente,

² Governo significa resumidamente uma organização que não pensa em só gerir seu território (Oliveira, 2019, p. 8), mas em tecnologias (saberes) que permitam estabelecer a conduta (a forma de agir) da população sob seu jugo (Lemke, 2017, p. 3).

³ Psicólogo comportamentalista e filósofo estadunidense.

a qual chamaremos de estímulo aversivo. Tomar um analgésico essa pessoa deixa de ter a dor de dente. Se a pessoa aprende a tomar um analgésico cada vez que sente uma dor de dente para cessar o desconforto, isso é o que chamamos de reforço negativo. Por esse raciocínio, podemos infligir a dor a um ser para que ele aprenda um novo comportamento, para que ele possa se ver livre da dor que lhe é infligida (Pavlov, 1972). Se usarmos este modelo para analisar a ação de um rei que, ao ameaçar seus súditos de morte, faça com que estes modifiquem seu comportamento, para um mais parcimonioso para com seu governo, podemos ver a relação direta entre o reforço negativo e o Poder Soberano. Embora pareça que este aprendizado infligido pela ameaça de dor possa ser permanente, B.F. Skinner, outro psicólogo que estudou o comportamento humano e cuja obra era de interesse de Foucault, demonstrou que o aprendizado desenvolvido por reforço negativo era de pouca duração e instável. Os indivíduos poderiam se rebelar contra aqueles que tentavam lhe impor novos comportamentos através da dor e da violência. Desta mesma forma, podemos intuir que o Poder Soberano precisasse incorrer a constantes ameaças para manter os súditos leais ao poder do regente e, assim como o reforço negativo pavloviano, poderia resultar em rebeliões constantes por parte destes súditos, inviabilizando sua governabilidade (Skinner, 2014).

Em contrapartida, o Biopoder busca moldar o indivíduo em um sujeito, mais especificamente, em sujeitos úteis do ponto de vista técnico e dóceis (Foucault, 2011, p. 21). Quando nascemos, todavia, não somos nada além de um corpo que chora quando sente alguma necessidade.

É o fato de que outros nos ensinam como agir, como falar e se comportar, que começamos a ser vistos como indivíduos participantes de dado ambiente social, podendo agir dentro do grupo ao qual pertencemos, ou seja, nos tornamos submetidos a este grupo, ou ainda, sujeitos a ele. O grupo tem autoridade sobre nós e, ao mesmo tempo, nos permite agir dentro dele, e, junto a ele, agirmos sobre o mundo. Ele nos permite sujeitar o mundo e aos outros a nossa vontade, nos tornando, assim, sujeitos que agem e interagem. Nesse processo de ação, interação e sujeição, se constroi o conceito de sujeito para Foucault. Para este filósofo, o sujeito não é natural nem estático, ele se constroi pela interação com o outro e pelas suas relações de poder.

A escola, por exemplo, é um ambiente perfeito de *subjetivação*. Somos, dentro de suas paredes, ensinados a seguir um conjunto de regras e um conjunto de saberes

básicos, como, por exemplo, matemática, história e português; para que, no futuro, possamos, idealmente, entrar em universidades e empregos. Para que, em última instância, possamos ser um sujeito integrado na sociedade. O Biopoder – no caso da escola, mais especificamente, a faceta dele que é nomeada de Poder Disciplinar – usa, via de regra, o que Skinner chamaria de Reforço Positivo. O Reforço Positivo seria o ato de conduzir uma pessoa a uma ação, não pelo medo, mas sim por um ganho prometido. Vejamos através de um exemplo onde uma criança precisa fazer seu dever de casa. Em vez de ameaçá-la para que então cumpra seus desejos, os pais podem lhe oferecer algo em troca, como a experiência agradável de comer um pote de chocolate enquanto brinca com os pais, após o término da tarefa.

O Biopoder⁴ busca criar sujeitos, fazê-los capazes de agir em sociedade e produzir para o capital, tendo sido crucial para o sistema capitalista florescer (Foucault, 2011, p. 132-133). Sua origem data da época do capitalismo, ele é um tipo de poder que procura conservar o corpo ao invés de destruí-lo, diferente do Poder Soberano.

Com o advento da segunda onda de industrialização, no século XIX, e do aprofundamento da alienação do trabalho humano, não interessava ao capital, que os corpos dos operários fossem facilmente descartados, *ao contrário*, eles eram necessários para manter alta produtividade. Quanto mais tempo ele for produtivo, melhor, pois assim gerará mais lucro. Não é à toa que o Biopoder é o poder de fazer viver e de subjetivação. O capital, então, faz os indivíduos viverem mais para produzir e os torna Sujeitos, ou seja, pessoas instruídas do necessário e submetidas às minhas suas normas, para que possa fazer melhor seu trabalho e gerar mais lucro. O que é, portanto, para nós o Biopoder? Controle dos corpos daqueles que antes já eram expropriados dos meios de produção.

Porém, ainda poderíamos dizer que este controle, através do Biopoder, não é total. Resta a nós o poder de tomarmos nossas decisões e agirmos segundo nossas próprias convicções. Mas será mesmo que isso ainda é possível? O que nos mostrou o exemplo da manipulação do pleito presidencial estadunidense em 2016? Podemos

⁴ O *Biopoder*, embora tenha o objetivo comum de tornar uma existência em um Sujeito, divide-se internamente em duas formas distintas: o Poder Disciplinar que busca sujeitar, ensinar condutas apropriadas, a um só corpo e a Biopolítica, que procura aplicar os comportamentos desejados em grandes parcelas de pessoas.

entender que, agora, o capital busca extirpar do sujeito sua liberdade, sua possibilidade de ser responsável por seus atos.

O poder dos algoritmos

O poder que os algoritmos têm sobre nós existe apenas enquanto damos nossas informações a eles, seja quando interagimos com as plataformas como Uber ou iFood, quer seja, quando usamos as redes sociais. Não é algo que somos ameaçados para usar, ou seja, compelidos forçadamente. É o inverso. Nós nos submetemos a ele devido às facilidades que as plataformas onde habitam trazem a uma vida cada vez mais rápida e emaranhada de afazeres. Usamos o Google para achar um restaurante porque é mais prático e veloz do que procurar em um mapa físico.

Sob essa ótica, o poder que os algoritmos podem ter em nossas vidas – como o de influenciar nossas decisões eleitorais - é um poder que se aproxima do Biopoder. Não somos obrigados a usá-lo, mas o usamos devido às facilidades (ou prazeres) que originam-se disso.

Pontuamos que, à medida que os algoritmos podem influenciar nossas ações, isso em nada se difere de um poder de subjetivação. O Biopoder procura nos conduzir a um comportamento, tal como as *fake news* na campanha de Donald Trump em 2016, procuraram fazer com que os estadunidenses votassem nesse indivíduo.

Quando falamos de algoritmos, no sentido tradicional, estamos falando de uma série de passos simples, claros e precisos, descrito de tal forma, que até mesmo uma máquina possa seguir a fim de resolver um dado problema, ou ainda, para chegar a um objetivo específico. Para entendermos melhor, o algoritmo se assemelha a uma receita de bolo de chocolate, os dados são os insumos necessários para criação desse doce e o bolo em si, o produto gerado pelo algoritmo (a saída do algoritmo). Porém, acreditamos que esse não seja o exemplo perfeito, pois para fazermos um bolo delicioso, precisaríamos ter as exatas medidas de tempo e quantidade, provenientes de um confeitoiro. Tamanha precisão seria necessária para que essa receita pudesse ser realizada por uma máquina, um robô, cujo objetivo seria criar bolos. Acreditamos que esse nível de experiência e precisão, ainda não possam ser alcançados por uma máquina, para criar um bolo delicioso. Porém, é válido se queremos criar um bolo de

chocolate razoável, mas que possa ser produzido em grandes quantidades. Para nós que gostamos muito de chocolate e bolos de chocolate, o robô confeitoiro jamais seria aceitável, mas para pessoas que só estão interessadas em comer algo que possa lhes dar o prazer de comer um doce, o bolo de chocolate industrializado estará de bom tamanho. Entendemos, assim, que algoritmos são formas de fazer as coisas em grandes quantidades e/ou em pouco tempo, através de instruções claras a um maquinário competente. E qual seria esse maquinário hoje? Os computadores. Que sejam na forma de computadores pessoais, *notebooks*, Alexas⁵, *smartphones* ou maquinário industrial.

Em nosso mundo digital, os algoritmos são a *anima* que permite fazer com que os computadores possam reconhecer os padrões que sejam capazes de deduzir quais pessoas estariam mais dispostas a aceitar material pró-Trump ou, no mínimo, contra seus adversários.

Podemos afirmar, com certa tranquilidade, que os algoritmos não funcionam sem diretrizes básicas que lhes permitam saber qual informação é ou não útil para um determinado objetivo (Gillespie, 2018, p. 8-9; Mota, 2022, p. 6; Laudemir, 2011, p. 5). Chamaremos estas diretrizes básicas de parâmetros, com os quais é possível condicionar os algoritmos a efetuar seus cálculos seguindo um dado viés.

Podemos afirmar, assim, que as empresas parametrizam as decisões tomadas pelos algoritmos. Porém, para que isso possa acontecer de forma a não gerar revolta das pessoas por se saberem manipuladas, é preciso que o funcionamento desses algoritmos e a entrada destes parâmetros em seu processo de cálculos, não seja algo fácil de ser percebido ou descoberto. É preciso que ele se comporte tal qual uma caixa-preta de avião, onde o piloto sabe que irão estar gravados todos os seus dados de voo e comandos dados, porém, ele não tem acesso ao seu interior. Na verdade, ninguém, que não seja a empresa aérea e as autoridades competentes, teriam acesso ao conteúdo das caixas-pretas.

⁵ Assistente eletrônico produzido pela empresa Amazon para interagir através da voz, com seres humanos.

Algoritmos, caixas-pretas e governabilidade

Quando acessamos uma receita de bolo na Internet, sabemos suas origens e o seu fim. É algo “transparente” à vista de todas e todos. É algo que pode ser facilmente verificado por qualquer um. Os parâmetros dessa receita seriam os dados necessários para termos um bolo de chocolate ou de laranja, por exemplo. Estes parâmetros, no caso das receitas, também são fáceis de serem identificados.

Entretanto, quando falamos sobre os algoritmos que governam as redes sociais e seus parâmetros, que podem ser modificados pelas empresas a todo momento; estamos falando de uma “receita” à qual não possuímos acesso direto – uma caixa-preta.

Vilém Flusser, checo-brasileiro, filósofo da tecnologia do século XX, coloca que nossa interação com a tecnologia desde a segunda metade do século passado é algo envolto em incertezas. **Não mais temos total controle sobre as ferramentas que utilizamos, nem as entendemos por completo** (Flusser, 1985, p. 11). Uma pessoa, mesmo leiga inicialmente, poderia compreender e dissecar o funcionamento de uma câmera fotográfica caso a estudasse por um tempo. Porém, mesmo alguém da área de Ciência da Computação, não conseguiria entender o funcionamento dos programas⁶ que são a base das redes sociais, sem conhecer claramente os algoritmos e os parâmetros envolvidos. Isso não aconteceria devido à falta de saber da pessoa necessariamente, mas sim, por consequência da falta de transparência desses programas. Por serem programas cujo chamado *código-fonte*, é mantido como um segredo a sete chaves pela empresa que os detém. O código-fonte é o algoritmo traduzido em uma linguagem que o programador pode entender e que pode ser convertido, sem erros, para uma linguagem que o computador possa entender. Um computador não entende, diretamente, a linguagem humana e os seres humanos, não entendem de forma simples e rápida, a linguagem do computador. Assim, esse processo de tradução das linguagens próprias de cada entidade para uma língua intermediária, a fim de que estas possam se comunicar, é necessária. Ao processo de tradução dos algoritmos para a linguagem intermediária, chamamos de programação. E ao resultado da programação, chamamos de programa. Para sermos mais

⁶ Os programas são algoritmos codificados de forma tal que um computador possa entender e seguir a fim de realizar uma tarefa.

preciosistas, podemos salientar que o chamado “programa de computador” que nos referimos a algumas linhas atrás na verdade deveria ser chamado de “programa executável pelo computador”, ou seja, o programa que já foi convertido para a língua que o computador entende.

Embora Flusser não trabalhe necessariamente com os algoritmos, ele fala do fenômeno da ausência de compreensão das novas tecnologias por boa parte da população através da relação entre o fotógrafo e a câmera fotográfica, entre o *operador* e o *aparelho* (Flusser, 1985, p. 15-16). **Ele chama de caixa-preta o processo em que sabemos operar uma máquina, como um computador, para fazer uma série de tarefas, mas não temos ciência das entranhas mais profundas de seu funcionamento ou criação.** Em troca da praticidade das novas tecnologias que surgiram, tecnologias que nos permitiam produzir cada vez mais rápido, abríamos mão de entender como ela realmente funciona (Flusser, 1985, p. 30). Estamos abrindo mão da transparência das tecnologias e isso nos torna cada vez mais vulneráveis ao controle de quem governa essas tecnologias⁷.

Se o saber carrega em si (ou relaciona-se a) um poder, como afirma Michel Foucault (Mota, 2022, p. 4), abrir mão de entender uma tecnologia que se relaciona conosco diariamente equivale a abdicar de meu poder sobre ela. Isso potencializa o perigo dos algoritmos serem construídos com a finalidade de coletar dados sobre nossos comportamentos e, através disso, definir nossos padrões de comportamento. Os algoritmos são capazes de saber tudo sobre nós enquanto nós, os seus *usuários*, nada sabemos acerca deles. Isso torna a balança de poder, fazendo-a tender para o lado dos donos dos algoritmos. Se não nos ativermos a isto, estaremos nos entregando facilmente a uma nova conquista do capital, rumo ao completo controle sobre os seres humanos

Algumas ponderações necessárias

Curiosamente, um dos pontos mais conhecidos da governabilidade algorítmica é justamente o fato de existir fora de qualquer amarra jurídica, como uma espécie de entidade misteriosa que assombra as populações de diferentes países do mundo.

⁷ É importante salientar que a possível ligação entre o conceito de Caixa Preta e algoritmos já foi discutida em outros lugares (Meteoro Brasil, 2020).

Essa entidade fantasmagórica age às claras, mas é guiada por processos e ambições que não podem ser detectadas diretamente. Não responde a nenhuma outra instância que não seja de seus criadores e daqueles que financiam sua existência. Como um governo etéreo, uma entidade digital de governabilidade, ela busca organizar a vida das pessoas, conduzindo-as a comportamentos que não seriam de sua escolha consciente, como nos afirma Mota (2022, p. 5-6). Por responder apenas a si mesma, a “governabilidade algorítmica” termina por ser uma “governabilidade da caixa-preta”. Ela age e conduz nossos comportamentos, sem tomarmos consciência de suas entranhas ou mesmo, em muitos casos, de suas existências.

Para tal, para conseguir conduzir nossos comportamentos, os dados coletados e analisados precisam permitir a previsão de nossos interesses, chegando na determinação de nossas necessidades, e assim, permitir que os donos das redes sociais possam transformar nossas necessidades em instrumentos de controle. Esse processo transforma a governabilidade algorítmica em uma organização artificial e externa da vida humana. Tratamos aqui, de uma forma de governo imanente, que não nos permite experiências fora das possibilidades que nos são dadas pelas redes sociais.

O governo feito pelos algoritmos é um governo que não se preocupa com o que somos agora e nem com nossa possibilidade de transcendência; mas com o que podemos vir a ser, quando submetidos ao seu controle e suas determinações (Mota, 2022, p. 6).

Claro, Foucault estabelece que o poder não é algo inerte. Ele nasce e existe por intermédio de relacionamentos. Sabemos que relacionamentos se alteram, mudam, da mesma maneira que os indivíduos que lhes constituem hão de fazerem ao longo da vida. O poder deve se adaptar a essa capacidade de mudança pois, com a capacidade para a mudança, vem o potencial para a resistência. À medida que cresce ou diminui a resistência a ele, ao poder, o mesmo deve se adaptar e se movimentar para manter seu controle. Afirmamos que essa possa ser uma das razões para a mudança das formas de redes sociais que estamos vendo nas últimas décadas. Vimos a passagem do Orkut para o Facebook, deles para Whatsapp e, agora, vemos um crescimento no uso do Tik-Tok. Programas de computador diferentes, para se

adaptar ao movimento de mudança dos seres humanos e poder, assim, manter o controle sobre eles.

O poder dos algoritmos não é algo centralizado ou exclusivo de uma dada empresa, mas descentralizado e pertencente a uma classe de indivíduos que hoje querem manter seu *status quo*, seus benefícios provenientes da expropriação de tudo aquilo que tenha valor para outros indivíduos, incluindo, sua liberdade.

Há na disputa entre expropriadores e expropriados, uma pessoa ou grupo de pessoas, que resiste à expropriação. O poder algorítmico se encontra dentro de uma disputa de poder entre classes sociais. Ele é uma estratégia de poder de uma classe para domínio de outra. E sabendo que uma classe – pela sua heterogeneidade e complexidade, pode fugir ao controle; a classe dominante busca nossas formas de domínio. É da análise desse processo de disputa de poder que, grosso modo, surge a célebre frase de Foucault: “lá onde há poder há resistência” (Foucault, 2011, p. 91).

Poder, resistência e uma ameaça iminente

O poder, no sentido dado por Foucault, surge do desequilíbrio de forças de partes que compõem o tecido social. Uma conversa em que apenas um participante fala não é uma conversa de modo algum, é uma exortação. Se um grupo de pessoas não possuem a mesma capacidade de agir sobre a realidade social que outro grupo, com a qual compartilha essa realidade, esse grupo estará sob o poder da classe que pode agir. Poder é capacidade de agir de uma parte sobre o todo. Podemos afirmar, assim, que não há poder (para Foucault) sem haver desequilíbrio de forças que atuam dentro dos diferentes agrupamentos humanos, que seja em povoados, cidades ou instituições. E é possível ainda, afirmarmos que o poder é definido por sua função, sua aplicação, nesse cenário de desequilíbrio de forças nas relações intra e inter grupos humanos. Seu poder é uma forma de se pensar a organização dos indivíduos em uma sociedade. Porém, no momento em que ele deixa de ser funcional para os seres humanos, ele começa a se desintegrar e ser forçado a se modificar, a crescer, ou ser obliterado. E o processo de desgaste da função do poder é gerado pela **resistência** a este.

O poder e a resistência são filhos que vivem no seio de um mesmo sistema, elementos participativos de um mesmo mosaico de relações (Orellana, 2011, p. 8). É

importante considerar que não é porque se pode ter uma resistência que ela terá necessariamente um ímpeto de modificação social por trás (Canavez, 2015, p. 10). Mas, caso tenha, a resistência pode muito bem se tornar o novo poder vigente, institucionalizando-se. Ele se torna a forma de governo que acabará criando para si outras resistências - sendo elas da antiga autoridade vigente ou não. O poder gera a resistência que pode vir a se tornar o novo poder. Por si só, isso iria criar potencialmente um círculo vicioso, onde a única mudança seria a troca de rostos de quem é o "poder" (as autoridades no comando) e quem é a "resistência" (aqueles que, mesmo submetidos à autoridade, resistem).

Todavia, mesmo esse movimento das relações de poder está ameaçado dentro da governabilidade algorítmica. Como lutar contra uma organização da vida que tem como arma principal tecnologias que a maioria de nós desconhece? E pior que mesmo se quiséssemos conhecer, não podemos devido aos entraves do direito burguês a propriedade?

Se algo não é percebido por mim, em minha perspectiva, esse algo há de não existir (Berkeley, 2010, p. 59). Se não tenho ciência de que algo precisa ser enfrentado, resistido ou mesmo que estou em algum relacionamento de poder, não farei frente a ele pois nem o reconheço em primeiro lugar. E, para aqueles que sabem de sua existência, como fazer uma resistência efetiva se foge de meu conhecimento os saberes técnicos e tecnológicos que lhe dão propósito, que os fazem ser instrumento de controle?

Os algoritmos usados nas redes sociais são uma caixa-preta e como tal, são de acesso privado, exclusivo de seus mestres e ninguém mais. E o direito de continuarem inacessíveis àqueles que não sejam seus criadores é garantido pela mais férrea cláusula do direito burguês, para sabermos, o direito à propriedade privada e, em particular, a suas formas menos evidentes, o direito de Patentes e ao Direito da Propriedade Intelectual. Munidos destes dois últimos, vemos o movimento legalizado e às claras de uso indiscriminado das propriedades intelectuais das empresas, como motivo para não se revelar os meandros de funcionamento internos de seus programas de computadores, que são usados como peças fundamentais para a construção das redes sociais. Cada avanço que a sociedade civil faz, dentro do campo do Direito, para quebrar as caixas-pretas construídas pelas empresas, são décadas

de batalha e, ao final, somente uma empresa é afetada. Enquanto uma é afetada, dúzias surgem para tomar o seu lugar, como agentes de dominação.

Estamos em uma era em que as plataformas digitais, as redes sociais e as empresas que as criam e administram, são a camuflagem, a cortina de fumaça, para os interesses de controle do capital. Se conseguirmos vencer a luta contra uma ou duas empresas, vemos que o capital se move para outras tantas.

O conhecimento do capital sobre nós se traduz no poder de organizar nossas vidas, ditar nossos comportamentos e, se continuar assim, em breve teremos nossa forma de vida colonizada (à mercê) das empresas que utilizam essas tecnologias e nem ao menos saberemos disso – ou nos importamos em saber.

Conclusão

Neste ensaio, buscamos refletir um pouco sobre como os algoritmos e as plataformas que deles se utilizam podem ser usados para prever nossas preferências, criar um perfil nosso e, através dele, saber como melhor conduzir nosso comportamento para uma determinada ação. Fizemos isso lançando mão, principalmente, de conceitos e argumentos provenientes do filósofo Michel Foucault. Vimos que o biopoder instrumentalizado pelos algoritmos e por sua lógica de perfilização de nossos comportamentos e influência em nossas escolhas, já chegou a influenciar o rumo eleitoral de uma superpotência mundial.

Se não tomarmos cuidado e não começarmos a tomar mais ciência da existência desse biopoder, suas ferramentas digitais e a quem servem, em níveis mais aprofundados com o objetivo de aprender como modificar suas influências, logo não restará uma faceta de nossa vida que não seja controlada pelos interesses daqueles que detêm o poder sobre as redes sociais e as plataformas digitais.

Uma governabilidade algorítmica sem rosto, mas cheia de interesses se espalha, como uma sombra, cobrindo todo o mundo.

Referências

BERKELEY, G. **Tratado sobre Princípios do Conhecimento Humano**. São Paulo: UNESP, 2010.

CANAVEZ, F. Entre Freud e Foucault: a resistência como afirmação de si. **Revista Psicologia Clínica**, v. 27, n. 1, p. 225-244, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I - A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura Filosofia da Fotografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

GILLESPIE, T. A Relevância dos Algoritmos. **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, 2018.

LUDERMIR, T. B. Inteligência Artificial e Aprendizado de Máquina: estado atual e tendências. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 85-94, 2021.

LEMKE, T. Foucault, governamentalidade e crítica. **Revista Plural**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 194-213, 2017.

METEORO BRASIL. **Algoritmos & Caixa-Preta**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=scRj6p4OyAg&t/> Acesso em: 30 mai. 2026.

MOTA, T. Colonização da vida e governabilidade algorítmica em tempos de fim de mundo. **Revista Lampejo**, v. 10, n. 2, p. 145-153, 2022.

NEGÓCIOSSC. **O uso de Facebook, Instagram e Threads no Brasil em 2023**. Disponível em: <https://negociossc.com.br/blog/o-uso-de-facebook-instagram-e-threads-no-brasil-em-2023/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

OLIVEIRA, L. S. O conceito de governamentalidade em Michel Foucault. **Revista Ítaca**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 48-72, 2019.

OLHARDIGITAL. **Inédito! Facebook alcança 2 bilhões de usuários ativos por dia**. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/02/02/pro/inedito-facebook-alcanca-2-bilhoes-de-usuarios-ativos-por-dia/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ORELLANA, R. C. Ética e Resistência. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, v. 2, p. 37-63, 2011.

PAVLOV, I. **Reflexos condicionados e inibições**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

REVISTA PIAUI. **A Era dos Brasileiros hiperconectados**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/era-dos-brasileiros-hiperconectados/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

RODRIGUES, T. M.; BONONE, L.; MIELLI, R. Desinformação e crise da democracia no Brasil: é possível regular fake news? **Confluências Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 30-52, 2020.

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior**. Londres: Pearson Education, 2014.

Recebido: 30/05/2026
Aprovado: 01/09/2026